

# Vivências musicais envolvendo bebês e famílias: um relato de experiência

## *GTE 10 – Educação Musical na Infância*

### Comunicação

*Ana Lucia da Rosa Lutckmeier  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
ana-lutckmeier@uergs.edu.br*

*Djeniffer Heinzmann Chassot  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
djeniffer-chassot@uergs.edu.br*

*Fabiane Araujo Chaves  
PPGED-MP-Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
fabiane-chave@uergs.edu.br*

*Cristina Rolim Wolffenbüttel  
PPGED-MP-Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br*

**Resumo:** O objetivo deste texto é relatar a experiência de estudantes da graduação e pós-graduação em um projeto de extensão universitária, envolvendo bebês e suas famílias. Trata da organização, realização e conclusão de um projeto iniciado em 2020, de forma totalmente remota/*on-line*. A pesquisa-ação integrou os procedimentos metodológicos desta ação, fundamentando-se na autorreflexão de participantes, proporcionando o envolvimento de pesquisadores e participantes, no que tange ao planejamento. Esta ação foi muito importante, permitindo o desenvolvimento de processos investigativos, os quais foram utilizados para o trabalho composicional e elementos da história da música. Por meio de ações teórico-práticas, possibilitou experiências do grupo envolvido, o que resultou um trabalho em sintonia, com o protagonismo dos envolvidos, tendo como foco os bebês, suas famílias, a partir de vivências musicais. Apesar das dificuldades geradas pelo distanciamento social, devido à pandemia da COVID-19, os resultados foram bastante promissores, permitindo o envolvimento de famílias oriundas de diferentes regiões do Brasil. Os relatos das famílias participantes revelaram que houve o estabelecimento de vínculos com os bebês, a ampliação do repertório musical e a potencialização da linguagem, a partir das atividades realizadas na ação extensionista.

**Palavras-chave:** Música na Infância. Bebês. COVID-19.

## Introdução

A música é uma linguagem que se faz presente na essência humana. Parizzi e Rodrigues (2020, p. 50) comentam que “nunca houve uma cultura humana sem música”.

Segundo as autoras, o fascínio pela música acontece com os bebês; portanto, pode-se entender a importância de proporcionar-lhes vivências e experiências musicais.

Estudos apontam que, para o bom desenvolvimento do bebê, a presença dos pais ou de cuidadores é muito importante (BEYER, 2003). Mas, para que isso ocorra de modo a contribuir, efetivamente, auxiliando na prática cotidiana, é importante o envolvimento das famílias, tornando benéficas e prazerosas essas vivências. Esse envolvimento possibilita a maior interação entre o adulto e a criança, neste caso, o bebê, de maneira que ambos se relacionam, resultando um crescimento saudável. Neste sentido, Parizzi e Fonseca (2020) argumentam sobre a importância da participação dos pais nas práticas musicais e culturais aos bebês, e reforçam a importância de que sejam encontrados momentos para estas interações com os filhos.

Mesmo antes de nascer, o bebê é capaz de escutar e responder aos sons, principalmente, os da voz materna. Estudos comprovam que, por volta da 20ª semana de gestação, o bebê já possui a audição formada. Além disso, com 27 semanas, já é possível observar seus movimentos corporais, em resposta aos estímulos sonoros. Papalia e Feldman (2013, p. 159) explicam que a “a audição é funcional antes do nascimento; fetos respondem a sons e parecem aprender a reconhecê-los”. Do mesmo modo, complementam ao afirmar que a “imitação dos sons da linguagem requer a capacidade de perceber sutis diferenças entre sons, e os bebês podem fazê-lo desde o nascimento, ou mesmo antes” (p. 194). Portanto, a prática musical é muito importante e contributiva para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social no primeiro ano de vida da criança.

Pesquisas realizadas com recém-nascidos revelaram que a música colabora com o desenvolvimento da audição, fala, afetividade e coordenação motora. Esta afirmação tem por base estudos que tiveram como foco as práticas do canto pelos pais. Conforme Broock (2008), as crianças percebem a voz humana, diferenciando as vozes de seus pais, mesmo sendo, ainda muito pequenas. Isso revela que os bebês estão mais preparados para o aprendizado do que se costumava conceber anteriormente (KLAUS; KLAUS, 1989).

Sendo assim, a educação musical pode ser apresentada de variadas maneiras e formatos. Para tanto, basta que existam os propósitos da transmissão e apropriação da música, processos esses que envolvem as relações que se estabelecem entre as pessoas e as músicas, e que podem ocorrer em diferentes tempos e espaços (KRAEMER, 2000). Neste sentido, a infância, além de ser um importante momento da vida, traz inúmeras possibilidades

para o estabelecimento das relações musicais, e pode ser vista como um momento muito profícuo para a educação musical, em um modo mais informal.

Com base nestes pressupostos, os grupos de pesquisa e extensão “Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços” (Grupem) e “Arte: Criação, Interdisciplinaridade em Educação” (ArtCIEd), ambos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), têm desenvolvido diversas ações com vistas a investigar e promover programas, projetos e ações em prol da Educação Musical. Destaca-se, neste sentido, o projeto “Vivências Musicais para Bebês e Famílias”, que integra um dos programas de pesquisa e extensão desta universidade.

Deste modo, o projeto foi destinado a bebês de, até, dois anos de idade, e teve como objetivo oportunizar vivências musicais para os bebês e suas famílias, contribuindo para o fortalecimento de vínculos afetivos e para o desenvolvimento integral das crianças. Nestes encontros, a criança esteve acompanhada dos pais, ou de um cuidador, o qual interagiu com ela durante as vivências musicais, as quais foram realizadas por professores de música e pedagogas, no período de oito semanas, de forma remota/*on-line*.

As ações referentes ao projeto iniciaram em 2019, a partir de planejamentos e organizações, a fim de serem realizadas as atividades de forma presencial em 2020. Mas, foram necessárias mudanças, em função da pandemia gerada pela COVID-19, a qual mudou a forma de interação entre as pessoas, pois o isolamento social, em todo o mundo, foi instaurado. Neste ínterim, o projeto seguiu com suas ações, mediante adequações necessárias.

As adaptações se impuseram mundialmente, em todos os âmbitos. Em se tratando de famílias, e seus novos modos de ser e de estar, igualmente tiveram de se adaptar. Estas profundas alterações suscitaram investigações em diversos países, registrando os anseios de pesquisadores de todas as áreas a compreenderem este cenário. Foi o caso de Serrão *et al.* (2021), Osório Galeano e Salazar Maya (2021), Abreu e Frassão (2021) e Goldberg *et al.* (2021), que estudaram as relações que se estabeleceram a partir da pandemia da COVID-19, focalizando famílias, bebês e crianças e a pandemia da COVID-19, sob diversos aspectos.

Neste sentido, Serrão *et al.* (2021) evidenciaram e problematizaram a complexidade da situação diante da adoção de protocolos de biossegurança inexecutáveis nas creches e pré-escolas públicas, e a subnotificação de dados de contágio, adoecimento e óbitos de bebês e crianças pequenas, devido à COVID-19. A preocupação com a amenização das dificuldades sofridas pelas famílias, as crianças e os bebês, também foram tratadas por Abreu e Frassão

(2021). Nesta perspectiva, Goldberg *et al.* (2021) investigaram estas questões e as relações entre familiares, bebês e filhos. O impacto da pandemia da COVID-19 nas famílias, considerando-se o bem-estar infantil e as implicações para as relações pais e filhos e o trabalho de profissionais da saúde que trabalham com a infância, foi o estudo realizado por Osório Galeano e Salazar Maya (2021), ajudando no entendimento do momento atual. Por fim, Oliveira *et al.* (2021) discutem a importância do envolvimento dos pais na educação musical de crianças neste momento pandêmico. Salienta-se que estas pesquisas não são as únicas, tampouco as mais importantes relacionando bebês, COVID-19 e a música. Todavia, permitem entender a abrangência investigativa que a pandemia gerou, bem como as possibilidades surgidas.

Algumas das soluções originadas a partir da COVID-19 incluíram atividades realizadas virtualmente. Apesar deste crescimento, cabe salientar que a exposição em demasia às telas de celular ou computador, em geral, pode ser prejudicial aos bebês. Neste sentido, o projeto teve como princípio a orientação de pais e familiares quanto ao modo de trabalho das vivências, as quais foram direcionadas a eles, a fim de que pudessem realizar as atividades com seus bebês. Assim, membros das famílias que fariam a vivência com seus bebês tiveram a oportunidade de visualizar a prática na tela do aparelho (celular, *notebook* ou outro meio), a fim de interagir com seu bebê, realizando a proposta da vivência. Reitera-se que os bebês não interagiram com a tela, mas com seus pais ou cuidadores.

Apesar das dificuldades geradas pelo distanciamento social, foi possível envolver 10 famílias de diferentes lugares do Rio Grande do Sul e do Paraná, as quais foram selecionadas a partir das inscrições, realizadas por meio de um formulário *on-line*. Nesse processo, houve a participação de estudantes do Curso de Graduação em Música: Licenciatura, da Especialização em Educação Musical e do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, todos da Uergs, possibilitando a partilha de experiências e o enriquecimento do grupo, mediante planejamento e realização de cada encontro.

Foram realizadas reuniões semanais, sendo planejadas atividades pedagógicas, de modo a oportunizar ações musicais (instrumentais e/ou vocais), como contação de histórias sonorizadas. Esses procedimentos foram importantes, considerando-se a relevância de a criança visualizar o rosto e os gestos corporais de familiares, que, solicitava-se, fossem bem expressivos (CARNEIRO, 2006). Todos os encontros foram realizados remotamente, por meio do aplicativo de videoconferência *Google Meet*.

Considerando-se o desenvolvimento cognitivo de crianças de zero a dois anos de idade, e, tendo em vista a teoria construtivista de Piaget, o projeto levou em consideração alguns conceitos importantes. Assim, os comportamentos de reflexo (primeiro mês), refinamento da memória (segundo mês), além do início da apreensão tátil (passar a mão no rosto, apropriar-se de um objeto), vocalização (começando com sons melódicos utilizando vogais), atividades como sentar, engatinhar, andar sem apoio ao ponto de dançar, correr e imitar os movimentos, foram aprendidos nas vivências. Para Piaget (2019), o desenvolvimento psíquico do bebê inicia no nascimento e, assim como ocorre com o desenvolvimento orgânico, finaliza na idade adulta, evoluindo sempre no sentido de um equilíbrio final, o qual se caracteriza por estar constantemente realizando equilibrações progressivas.

Quanto às etapas do desenvolvimento, estas se caracterizam pela realização de algumas operações interdependentes, que são primordiais para a constituição das estruturas de conhecimento, possibilitando, assim, o auxílio para o aprendizado sobre o mundo. Segundo Piaget (2019, p. 5), os estágios do desenvolvimento são definidos pelo aparecimento de “estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores”. Nesse detalhamento, percebe-se que acontecem mudanças importantes neste período, denominado sensório motor, considerado como o ponto de partida do desenvolvimento da criança. Atualmente, autores têm pesquisado o desenvolvimento humano identificando, por exemplo, o comportamento de imitação do bebê nas primeiras horas de vida (MALLOCH; TREVARTHEN, 2018). Entretanto, a escolha, por utilizar como base a teoria proposta por Piaget, deu-se devido ao fato de outros autores da educação musical com bebês também relacionarem estes estudos, como Kebach (2013) e Pecker (2017).

Foi desafiador organizar as atividades, que estavam em consonância com o referencial teórico do projeto. Foram elaboradas oito vivências musicais *on-line*, todas com a presença dos bebês e seus familiares e/ou cuidadores, sendo seis professores diferentes a implementá-las, os quais se organizaram para a realização de cada encontro semanal. Em conjunto com outros integrantes do grupo de pesquisa e extensão, também foram utilizadas vivências musicais com uma duração um pouco menor, em média de, até, cinco minutos cada, as quais foram gravadas em vídeo e, semanalmente, enviadas às famílias, por meio de um grupo de *WhatsApp*. Estas atividades foram chamadas de vivências assíncronas, e contou com a colaboração de outros integrantes da ação de extensão totalizando, desta forma, 13 pessoas.

A busca por atividades educativas para os bebês objetivou oportunizar vivências musicais adequadas aos bebês. Desse modo, constatou-se que, nesta faixa etária, a repetição de canções permite uma boa assimilação, estimulando a memória e a acomodação do que se estava aprendendo. Outro ponto importante foi o objetivo de tornar a apreciação musical um hábito na vida das famílias participantes, bem como a prática de brincadeiras e jogos melódicos com os filhos em fase de crescimento. O entretenimento, como a contação de histórias com trilha sonora, além de instigar o imaginário, estimula o tônus muscular da boca, língua e lábios. Considerando que a lembrança do momento em que se produziu cada som proposto nas vivências demonstra o quanto os bebês assimilaram e apreciaram a metodologia, de forma espontânea e prazerosa.

## **Desenvolvimento**

O projeto “Vivências Musicais para Bebês e Famílias” ocorreu de forma remota, através da realização de encontros virtuais, síncronos e assíncronos. As atividades síncronas ocorreram semanalmente, por meio da plataforma virtual *Google Meet*, com uma duração média de 30 minutos cada. As atividades assíncronas constituíram-se de vídeos de curta duração, que continham atividades musicais destinadas às práticas com os bebês, por suas famílias. As propostas foram veiculadas semanalmente, e originaram-se de sugestões de atividades musicais e outras vivências. Os materiais produzidos no projeto foram disponibilizados gratuitamente no *site* do grupo de pesquisa e extensão. Inclusive constam depoimentos das famílias participantes, relatando as experiências vivenciadas.

O fundamento metodológico teve como base a pesquisa-ação que, conforme Tripp (2005), quando utilizada com fins educacionais, refere-se a uma estratégia para proporcionar o desenvolvimento tanto de professores quanto de pesquisadores, possibilitando utilização do conhecimento para aprimorar o seu ensino. Desta forma, o projeto de extensão foi essencial quanto à realização das vivências com os bebês e suas famílias no que tange ao seu desenvolvimento, pois se trata de um trabalho que poderá servir como base para que outros professores possam desenvolvê-lo futuramente. Posto isso, sendo uma pesquisa-ação, os(as) integrantes do projeto de pesquisa e extensão participaram do processo e do “ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (TRIPP, 2005, p. 446). Exemplificando, tem-se o seguinte diagrama:



**Figura 1:** Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação



Fonte: Tripp (2005, p. 446).

O ciclo proposto por Tripp (2005) ilustra as características da pesquisa-ação, relacionando-as às ações do projeto aqui relatado. O método possibilitou aos pesquisadores, após o planejamento e a implementação da prática, descreverem e avaliarem eventuais mudanças que diagnosticaram como necessárias nas práticas realizadas e, dessa forma, ao realizarem tal processo, aumentaram seu conhecimento e aprenderam não apenas sobre a prática, mas também sobre o processo investigativo.

O projeto ocorreu de outubro a dezembro de 2020, através da plataforma de videoconferência *Google Meet*, em que foram realizadas vivências musicais destinadas a bebês de zero a dois anos de idade e suas respectivas famílias. Os encontros contaram com a seguinte estrutura: canção de acolhida, canção folclórica, canção dançante, momento de relaxamento com uma música instrumental e canção de despedida.

As canções de acolhida, relaxamento e despedida, por escolha do grupo de planejamento, mantiveram-se as mesmas, para que se criasse uma rotina, facilitando a memorização dos bebês. Neste sentido, destaca-se a importância da repetição, que Piaget (2019) salienta como sendo importante para a assimilação e equilíbrio dos conhecimentos dos bebês. Objetivava-se, assim, por exemplo, que ao escutar a canção de acolhida, fosse construída a concepção de que naquele momento iniciar-se-iam as atividades musicais. Piaget salienta que a inteligência prática aparece antes da linguagem, durante o período sensório motor, quando a criança tem, aproximadamente, 18 meses. Para ele, “é uma inteligência totalmente prática, que se refere à manipulação dos objetos e que só utiliza, em lugar de

palavras e conceitos, percepções e movimentos, organizados em ‘esquemas da ação’” (PIAGET, 2019, p. 10).

A canção de acolhida utilizada nos encontros foi a “Alô, bom dia – Josette Feres”, a música instrumental versão piano solo “Canto do Povo de Um Lugar – Caetano Veloso” para o relaxamento, e, para a despedida, “Tchau, tchau foi legal – Laura Schmidt”. As demais canções utilizadas na estrutura dos encontros foram selecionadas de acordo com as vivências. Foram utilizadas canções folclóricas como: “Cai, cai balão”, “Atirei o pau no gato”, “Chote Quatro Passi”, “Olélé Maliba Makasi”, “A cobrinha”, “Pastorzinho”, entre outras, assim como canções autorais dos professores e outras voltadas ao público infantil. Conforme Wolffenbüttel (2019), as canções são consideradas folclóricas quando passam por transformações e modificações ao longo do tempo, até se tornarem de domínio público.

As principais características das canções utilizadas nas atividades com os bebês foram a tonalidade maior, o pouco contraste de alturas, predominando um registro vocal mais agudo. Ilari (2002) enfatiza que bebês a partir dos seis meses de vida têm maior facilidade para escutarem sons agudos, ao invés dos graves, ao mesmo tempo em que os preferem.

Estudos apontam características similares na percepção de padrões musicais de um adulto com intensa exposição musical e bebês com pouca exposição musical, como por exemplo o contorno da altura melódica e ritmo em novas melodias (TREHUB, 2000). Partindo do pressuposto de que bebês são ouvintes ativos, outra característica musical que se destaca é a utilização de diferentes gêneros e texturas musicais. Contamos com música instrumental e canções do folclore brasileiro, português, italiano e africano. Todas elas, com características específicas, enriqueceram ainda mais as vivências. Foi possível trabalhar aspectos da educação musical, folclore e cultura, fortalecendo a ideia de que bebês podem e devem realizar atividades musicais, incluindo a apreciação de diversos tipos e gêneros musicais.

## **Considerações Finais**

O trabalho em conjunto do grupo foi um dos grandes fatores para que o projeto fosse realizado de forma adequada e alcançasse os objetivos propostos. Este esforço em conjunto, por meio dos grupos de pesquisa e extensão, Grupem e ArtCIEd, propiciou o crescimento pessoal e acadêmico, dentre os quais se destacam a escuta e o acolhimento de opiniões divergentes, o conhecimento dos colegas e a confiança mútua entre os participantes, apenas para citar alguns importantes aprendizados.



Cada vivência musical foi planejada, tendo tempo hábil para o entendimento da base teórica; as músicas e histórias foram inseridas em uma temática previamente escolhida em equipe, permitindo que todos percebessem e explorassem mais suas habilidades como professores. Esses procedimentos oportunizaram o comprometimento com o grupo.

Por terem ocorrido remotamente, em uma época em que o uso da *Internet* fez-se necessário para estudo, trabalho e socialização, devido ao isolamento social, as vivências musicais revelaram alguns problemas de estrutura. Dentre estes, mencionam-se os contratempos gerados pela instabilidade na conexão de *Internet* e falhas nos equipamentos utilizados, como *notebook*, celular e *tablet*. Sabendo disso, os planejamentos das vivências foram enviados à organização do projeto, a fim de providenciar possíveis substituições de ministrantes das vivências. Atitudes como esta, mesmo não sendo utilizadas, favoreceram a confiança na realização do projeto, devido à interação da equipe.

Em todas as propostas realizadas houve a presença da coordenação do projeto e da equipe, para registro das dinâmicas, bem como apoio e apreciação. Essas anotações foram compartilhadas após a realização das atividades. Além disso, sempre ocorreram reuniões após as vivências, a fim de avaliá-las e de promover o diálogo com a equipe. A presença dos colegas tornou o ambiente mais agradável, pois ensinar de forma *on-line*, com um público de faixa etária tão pequena, foi uma novidade para todos integrantes da pesquisa e extensão.

O meio acadêmico propiciou o estreitamento de relações entre pessoas com idades, etnias, meio social e crenças diferentes. As emoções e sentimentos, nesta relação, tiveram grande influência no desenvolvimento do projeto, uma vez que foi realizado em conjunto, e buscou o fazer pedagógico como foco. O ambiente colaborativo se tornou propício às trocas de experiências, conhecimentos e apoios mútuos.

A equipe, formada por pessoas de variadas faixas etárias - dos 20 aos 50 anos, aproximadamente -, destacou-se pela grande interação e postura construtiva, mesmo com distanciamento social. As relações que se estabeleceram permitiram inserção à cibercultura, grande desafio diante das inovações, facilitando as vivências. O conhecimento das tecnologias digitais e as partilhas de experiências colaboraram para a organização e realização das atividades pedagógicas de cada encontro.

Mesmo com as dificuldades do distanciamento social, os resultados foram favoráveis, demonstrando que paciência, planejamento, boas iniciativas e trabalho coletivo, com o

necessário fundamento teórico, contribuem para boa sistematização da dinâmica do processo de aprendizagem.

Outros destaques a serem feitos são os encontros entre famílias de diferentes partes do Brasil, o que, sem a virtualidade, seria difícil de ocorrer. Do mesmo modo, as vivências trouxeram a oportunidade de todos se reinventarem para a realização do trabalho com o público infantil, da prática criativa, com as elaborações de composições das canções, das criações de histórias sonorizadas, e de tantas outras produções interessantes e envolventes. Tudo isso resultou relatos das famílias, contando os momentos de estabelecimento de vínculo com seus bebês, aumento do repertório musical, lembranças das canções que entoavam com os avós, bem como o desenvolvimento da linguagem presente a partir das ações em que participaram.

Salienta-se que já foram elaborados artigos sobre o projeto. Quanto às pesquisas em educação musical com este foco, os grupos de pesquisa e extensão vêm desenvolvendo projetos investigativos, tanto na graduação quanto na pós-graduação, sendo alguns já concluídos ou em fase de finalização, bem como outros em desenvolvimento ou na etapa inicial. Pretende-se dar continuidade às atividades de extensão e pesquisa, a fim de promover a interlocução entre os resultados destes empreendimentos e as modalidades formais e informais de educação musical. No ano de 2021 foram realizadas outras ações do projeto, proporcionando vivências musicais, a partir de *Lives* pelo *YouTube*, as quais estão disponíveis gratuitamente na rede social.

## Referências

- ABREU, Bárbara Cecília Marques; FRASSÃO, Magali Oliveira. Tempos de isolamento social: Infâncias nos encontros virtuais. *Sociedad e Infancias*. 4, 2020, p. 185-288. DOI: <https://revistas.ucm.es/index.php/SOCI/article/view/69631> Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/soci.69631>. Acesso em: 28 set. 2021.
- BEYER, Esther. A interação musical em bebês: algumas concepções. Ed. 2003, Vol. 28. N. 02. *Revista Educação UFSM*. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4167>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BROOCK, Angelita Maria Vander. A música em casa: de que forma os pais participantes do Projeto de Musicalização Infantil da UFBA utilizam a música com seus filhos? *Anais*. XVIII Congresso da ANPPOM. Salvador. 2008. [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2008/comunicas/COM461%20-%20Broock.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM461%20-%20Broock.pdf). 2021.

CARNEIRO, Aline Nunes. Desenvolvimento musical e sensório-motor da criança de zero a dois anos: relações teóricas e implicações pedagógicas. *Dissertação* (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. 96f.

GOLDBERG, Abbie E. *et al.*. The impact of COVID-19 on child welfare-involved families: Implications for parent–child reunification and child welfare professionals. *Developmental Child Welfare*, First Published September 20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/25161032211045257> Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/25161032211045257>. Acesso em: 28 set. 2021.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, v. 10, n. 07, p. 83-90, set./2002. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435>. Acesso em: 8 abr. 2021.

JOSEPH, R. Fetal Brain Behavior and Cognitive Development. *Developmental Review*, 20: 2000. p. 81–98. Disponível em: <https://psygnificant.files.wordpress.com/2013/01/fetal-brain-behavior-and-cognitive-development.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org). *Expressão musical na educação infantil*. 1ª ed. Porto alegre: Mediação, 2013.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, Porto Alegre, V.11, n. 16/17, abr./nov., p.50-73, 2000.

MALLOCH, Stephen; TREVARTHEN, Colwyn. *The Nature of Music*. Frontiers in Psychology, 2018.

OLIVEIRA, António *et al.*. Musical achievement during a lockdown: The parental support miracle. *Research Studies in Music Education*. First Published September 23, 2021 Research Article. DOI: <https://doi.org/10.1177/1321103X211033794> Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1321103X211033794>. Acesso em: 28 set. 2021.

OSORIO GALEANO, S. P.; SALAZAR MAYA, Ángela M. Experiences of Parents of Preterm Children Hospitalized Regarding Restrictions to Interact with Their Children Imposed Because of the COVID-19 Pandemic. *Investigación y Educación en Enfermería*, v. 39, n. 2, 12 Jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.iee.v39n2e10>

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARIZZI, Betânia; RODRIGUES, Helena. *O Bebê e a Música*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PECKER, Paula Cavagni. A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas. *Tese (Doutorado em Educação)* – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017. 142 f. Disponível em:  
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47985>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Trad. Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

SERRÃO, Célia Regina Batista *et al.*. A(in)visibilidade de bebês e crianças na pandemia. *Zero - a-Seis*, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 1285-1304, ago./ago., 2021. DOI:  
<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e83039> Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroais/article/view/83039/47113>. Acesso em: 28 set. 2021.

TREHUB, Sandra. Human processing predispositions and musical universals. In: WALLIN, Nils; MERKER, Bjorn; BROWN, Steven: *The origins of music*. Boston: MIT Press, 2000.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. *Folclore e música folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam*. Curitiba: Appris, 2019.